

Bonecas e metralhadoras

FOI EM PORTALEGRE que a escritora Luísa Costa Gomes viu encenada a peça mais interessante que escreveu desde "Nunca nada de Ninguém". Escreveu-a de propósito para a Companhia de Teatro de Portalegre e para o encenador Manu! João Borges. Chamou-lhe "Vanessa Vai à Luta" e fala da dicotomia masculino-feminino. É um espectáculo para pais e filhos verem lado a lado e desmistifica o tabu, muito enraizado, das diferenças entre ser menina e ser rapaz.

A personagem titular é uma menina que prefere as metralhadoras às bonecas, preferência que traz a mãe em cuidados e que também não deixa de perturbar a menina, até porque está prestes a ser irmã duma outra menina e não quer que ela passe pela contrariedade de brincar com bonecas...

Pelo meio deste drama cómico, põe-se o problema de quem decide o sexo das crianças. Se o pai, se a mãe, se Deus, ou qualquer outra entidade ainda mais estranha.

A sexualidade e a geração humanas estão pois no centro do espectáculo que, além de ser divertidíssimo, dá aos pais e aos filhos pequenos num bom motivo de conversa e numa boa oportunidade de desfazer os preconceitos ligados a estes temas. A primeira série de espectáculos terminou na segunda-feira, 19, e deixa espaço livre para o Festival Internacional de Portalegre, voltando ao palco quando acabar o festival, que começou na noite do mesmo dia, em Estremoz.

Numa operação descentralizadora, a Companhia de Teatro de Portalegre, organizadora do festival, colocou Estremoz no mapa dum acontecimento que, este ano, também abrange Gavião e, há um ano, beneficiou Niza.

Num teatro do princípio do século, muito fotogénico — Portalegre, infelizmente, não possui um teatro com a beleza e as comodidades do Cine-Teatro Bernardim Ribeiro — Estremoz assistiu à representação de "O Príncipe de Spandau", de Helder Costa, certamente um dos melhores textos do fundador e director da Barraca, possivelmente uma das melhores, senão a melhor interpretação do actor João d'Ávila. É caso para dizer que "O Príncipe de Spandau", sendo um espectáculo que começa por desconcertar o espectador e de o manter vigilantemente desconfiado até ao último momento, acaba por ser um espectáculo inteligentemente didáctico e provocatório, que o país inteiro devia ter oportunidade de ver, rever e discutir. Passa por ele a História da Europa e de Portugal, passam por ele as velhas e novas tragédias da Europa, as novas e as velhas estratégias do racismo, do fascismo, da intolerância, da xenofobia, do obscurantismo e outras aberrações.

Quanto ao Festival de Portalegre, teve uma abertura movimentada: tivemos a inauguração duma feira do livro — dois mil volumes e mil títulos, de teatro e poesia, a abertura de duas exposições — uma de fotos e roupas da Associação de Teatro Jovem de Portalegre e outra de aguarelas de cenários e figurinos de Vladimir Franklin, actor e cenógrafo da Companhia Portalegre falecido no verão passado. Na abertura da Feira do Livro, a actriz Natália Luísa e o actor Carlos do Rosário disseram poemas de Nuno Júdice, Ruy Belo, Florbela Espanca e Fernando Pessoa.

Depois de "O Príncipe de Spandau" ser visto também em Portalegre, na noite de terça-feira, 20, o festival prossegue hoje com "Cowboio", pelo teatro ACERT de Tondela. Uma paródia às cowboyadas americanas, por onde passa o talento dos autores galegos Miguel de Lira e John Eastham e a truculência dos actores beirões. É no Cine-Teatro Cristal, às 21h30. A 31 de Outubro, o "Cowboio" segue para o Cine-Teatro Francisco Ventura, de Gavião. ■

7º Junho 21. Out. 98